

Seminário de Orientação Lacaniana 2024 - "'Onde estou no dizer?'
Enunciação e experiência" - 28/08/2024

Mariana Dias

marianadiias@gmail.com

“Como todos os casos particulares que compõem o milagre grego, esse só nos apresenta fechada a caixa de Pandora. Aberta, ela é a psicanálise, da qual Alcibíades não tinha necessidade.”¹

Se a psicanálise é a caixa de Pandora aberta, quem inventou a psicanálise: Freud ou o inconsciente? Para Lacan, o autor de uma carta é na realidade o ladrão, aquele que rouba o objeto. Como se as fronteiras entre destinatário e remetente ficassem borradas. Justamente porque a quem o interroga o significante responde. Miller toma essa como a intuição central de Lacan: a de perceber como segundo o testemunho do sujeito, aquilo que ele qualifica como exterior, um amo exterior, encontra-se em seu foro interno, em seu sentido íntimo².

A quem o interroga, o significante responde, é a tese que desenvolverá em seu *Respuestas de lo real*. É a leitura de alguém que lê Lacan como um sujeito dividido e não como um autor que sabe e domina o que diz. E isso tem toda a importância, pois é o que nos pede Lacan já na introdução de seus *Escritos*.

É preciso colocar algo de si pois “não se fala de fora da Coisa ou sobre ela, dominando-a, mas o que é dito faz parte dela”³. Uma sutileza analítica para não se perder nos encantos da magia, já que nela quem responde não é o significante, é a Coisa. Por meio da palavra e de um livro encantado onde está escrito como fazer um passe - o de mágica.

Lacan foi incansável em transmitir que não é sobre o que a Coisa fala. Nós escutamos esses fenômenos na clínica, por suposto, mas para nós importa mais o que a Coisa causa. Porque quando a Coisa causa é que ela faz o sujeito falar e entrar na dimensão de um dizer de carne e osso. Existe, então, uma articulação entre *das Ding* e discurso.

As religiões, por exemplo, propõem religar o sujeito ao objeto perdido, operando um apagamento da Coisa no Outro. Ou seja, a substituição é completa, não há defasagem. Portanto, não há objeto perdido; ele é restituído. Neste sentido, as religiões apontam uma via de acesso para pensar no tratamento dado à Coisa pelo discurso do mestre, ou melhor, em sua

ética. Se a Coisa se apaga no Outro, tudo o que se pode produzir é a mudez no sujeito, correlata a um ponto de surdez.

A música, um fazer que guarda afinidade com o discurso analítico, também tem seu modo particular de cernir a Coisa. Jean-Michel Vivès diz que a atividade musical é a comemoração desse instante mítico no qual o sujeito se viu arrancado do caos pelo encontro com a voz do Outro, permitindo-lhe adquirir a própria voz. Que o canto contém o desejo; desejo este que está presente na invocação do sujeito que canta. Um sujeito que reconhece o lugar vazio do objeto e que com suas vocalizações ora enfatiza, ora mascara este vazio⁴.

Marisa Monte, cantora e compositora, tem uma canção que diz assim: “Eu só quero que você saiba / Que estou pensando em você / Eu só quero que você ouça / A canção que eu fiz pra dizer / Que eu te adoro cada vez mais / Mas te quero livre também / Como o tempo vai e o vento vem / Eu só quero que você siga / Para onde quiser / Que eu não vou ficar muito atrás”⁵. Desde a primeira vez em que ouvi esta música, escutei-a como uma ode à Coisa, pois em nenhum momento se revela quem ela invoca ou que musa a inspirou. A diferença é que a articulação entre a música e a Coisa se compõe aí a partir da posição feminina, não-toda.

Mas a música, a arte das musas, é uma dessas coisas que nos restou de um outro mundo onde as esferas celestes faziam música e a voz dos deuses se expressava pela natureza. O universo era como uma caixa fechada e, poderíamos pensar que por isso mesmo, era finito. Dar-se conta do silêncio, do infinito e aterrorizar-se com isso foi a intuição pascaliana⁶. Segundo Miller, “Pascal percebeu que a matemática científica silenciava o real, ou mais precisamente que, silenciando a natureza através da matemática, o mundo - ou seja, o cosmos - tornou-se o real”⁷.

Não podemos ignorar que nessa circunstância surge a psicanálise, depois que alguns curiosos resolveram abrir a caixa. O próprio Campo Freudiano gravita em torno da Coisa freudiana. O discurso analítico parte de uma defasagem entre o Outro e a Coisa, o que levou Lacan a elaborar a estrutura desse resto da Coisa e a chamar isso que sobra dela pela operação do Outro de objeto *a*.

Então, podemos dizer que o fundamento da aposta lacaniana é uma desproporção. No que concerne ao \$, Lacan é cartesiano, mas com relação ao objeto *a*, Lacan é pascaliano. Cartesiano porque toma o sujeito cartesiano como referencial para o sujeito da psicanálise e pascaliano por conferir ao objeto *a* seu estatuto de consistência lógica, estrutura da repetição.

Lacan nunca foi ortodoxo. A ortodoxia, sabemos, veio de alguns de seus leitores. Em *Teoria de Turim*, Miller trata de clarificar esse ponto: “Lacan tornou-se o símbolo, o

significante mestre, o significante vivo de uma relação nova com a psicanálise”⁸. Um pouco mais adiante acrescenta: “A Escola é por si mesma a carta roubada”⁹.

O que isso significa? Bem, se a Escola é a carta roubada, não está no lugar do Rei ou da polícia que nada veem, nem da Rainha ou do ministro que se enganam e nem do detetive. O segredo deste conto, é que a verdadeira protagonista da história é a carta. Isso talvez explique a ilegibilidade de Lacan, ela provinha de não querer ser lido, mas sim interrogado. Lacan considerava uma ofensa ser chamado de gênio.

Quando funda a Escola Francesa de Psicanálise tão sozinho quanto sempre esteve em sua relação com a causa psicanalítica, Lacan traz a dimensão do ato. O que em alguma medida promove uma separação do Outro IPA. Lacan chega a fazer uma analogia entre a Internacional e a Igreja. Cito Miller:

“Se o analista respondesse ao universal, não haveria razão para não admitir a forma de organização da Internacional, que (...) está fundada no pai morto, na lógica dos títulos, da hierarquia (...). O modo de organização que Lacan tentou está ligado à concepção de analista e a uma prática da análise no nível das respostas do real que, pelo contrário, corresponde à lógica do não-todo.”¹⁰

É muito interessante notar que em seu *Ato de fundação* Lacan se contrapõe à ortodoxia de uma instituição que se funda na ficção do real em concordância com o significante, que tamponaria o buraco do Outro com o significante Nome-do-Pai. Esse passo compreende a nada mais nada menos do que à vida de nossa Escola.

Sublinho isso porque *Teoria de Turim* parte do debate em torno da fundação de uma Escola lacaniana na Itália. Partindo deste debate, Miller comunica uma teoria da Escola que ainda não havia exposto, a de que a Escola é um sujeito determinado pelos significantes dos quais é efeito, portanto, há que subjetivá-la.

Uma Escola sujeito e não uma instituição Outro... Que consequências isso nos traz? Parece-me que Miller se põe herético. *A posteriori*, visto que apresentou sua teoria no ano de 2000, diria que se produziu uma escansão do tempo lógico da comunidade, um relançar da aposta lacaniana de produzir uma contraortodoxia e de encontrar no próprio impasse de uma situação a força viva da intervenção¹¹. Logo, é um ato de Escola. É a Escola de Lacan no papel de protagonista, como a carta volante de Poe.

Apertem os cintos!, vivemos novos tempos na Escola. A Nova Política da Juventude, a renovação da política dos cartéis e do passe manifestam algo de vibrante. Esta vibração me remete ao gaio saber, aquele que sabe passar da impotência ao impossível, diferente do saber triste. Uma Escola sujeito me parece uma boa invenção no que ela pode produzir de

esvaziamento do saber acumulado, a fim de pôr a transmissão de Lacan para trabalhar. Trabalhar contra o tédio, que também é uma paixão, mas padece de não saber se virar com a extimidade. E aqui me pergunto se a própria ortodoxia, assim como o tédio, não é um tipo de saber triste.

Reza a lenda que Freud aconselhava aos psicanalistas que pusessem as mãos à obra antes que o inconsciente fechasse a boca. Miller diz em *Respuestas de lo real* que o inconsciente, em sua própria fonte, em sua espontaneidade, foi desviado pelo fato de que esse saber existe no Outro¹². Já não sonhamos como os antigos. Como o tempo vai, novos ventos vêm...

A Coisa freudiana é isso que mantém a causa psicanalítica viva, mas a Coisa não existe sem o campo. Diria que enquanto houver a política, haverá parlamento e haverá enunciação. Isso é uma tríade. A Coisa, a causa e o campo compõem outra, que chamaria de tríade do gaio saber. A Coisa dá a melodia perante a qual não conseguimos ensurdecer, o campo dá o ritmo, a vibração; e quanto à harmonia, fazemos um improviso, já que a relação sexual não existe e muita harmonia entedia.

Notas

¹ LACAN, J. (2003[1967]). “Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da Escola”. In: Outros escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, p. 256.

² MILLER, J.-A. (2011). “Extimidad”. Buenos Aires: Paidós, p. 18.

³ Idem, p. 136.

⁴ VIVÈS, J.-M. (2018). “Variações psicanalíticas sobre a voz e a pulsão invocante. Rio de Janeiro: Contra Capa, p. 27.

⁵ “A sua”, canção de Marisa Monte.

⁶ Pascal diz em seu livro *Pensamentos* a famosa frase “Me aterroriza o silêncio desses espaços infinitos”.

⁷ MILLER, J.-A. (2024). “Respuestas de lo real”. Buenos Aires: Paidós, p. 32.

⁸ MILLER, J.-A. (2016). “Teoria de Turim: sobre o sujeito da Escola”. In: Opção Lacaniana online, nova série, ano 7, p. 7. Disponível em: http://www.opcaolacanianana.com.br/pdf/numero_21/Teoria_de_Turim.pdf.

⁹ Idem, p. 13.

¹⁰ MILLER, J.-A. (2024). “Respuestas de lo real”. Buenos Aires: Paidós, p. 177.

¹¹ LACAN, J. (2003[1947]). “A psiquiatria inglesa e a guerra”. In: Outros escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, p. 113.

¹² MILLER, J.-A. (2024). “Respuestas de lo real”. Buenos Aires: Paidós, p. 226.